



TRÊS LUMINARES DA LITERATURA BRASILEIRA

Amaryllis Schloenbach

Na comemoração do “Dia Internacional da Mulher” nada melhor do que relembarmos algumas mulheres escritoras, batalhadoras da pena quando cada uma delas, fez do ofício de escrever a razão de ser de sua vida.

A mulher já ocupa um largo espaço na sociedade, embora ainda tenhamos muita luta pela frente para nossa total integração. A atual posição da mulher se deve ao esforço de milhões de trabalhadoras anônimas, que foram conquistando um novo caminho, em um árduo corpo a corpo.

Mas os textos literários escritos por mãos femininas deram, dão e darão, sempre, uma grande força a essa causa, a esse movimento pela valorização da mulher.

No Brasil, há uma plêiade de escritoras que honram as Letras pátrias e são motivo de orgulho para nós. No entanto, nesta oportunidade, gostaria de lembrar os nomes de três escritoras de nossa época que já partiram para além das estrelas, mas deixaram um legado luminoso em nosso Planeta. Merecem um preito de respeito e saudade.

Todas elas foram também jornalistas e tradutoras, e enriqueceram sua vivência com viagens pelo mundo. Eram sensíveis, atualizadas, inseridas no movimento cultural brasileiro, e de grande criatividade. Eram também bonitas, interessantes e de personalidade marcante.

Começemos por Cecília Meireles, lembrada especialmente pela beleza de sua poesia, pela força de seu estro, pela grandeza de seu talento. Também pela sua lição: “Sede assim qualquer coisa/ serena, isenta, fiel”. Como o foi a própria Escritora, serena no lirismo de seus versos, isenta na sua obra, fiel à sua feminilidade.

Nasceu no Rio de Janeiro-RJ, em 7 de novembro de 1901, onde



Clarice Lispector

veio a falecer em 9 de novembro de 1964. Foi também educadora. Deixou vasta bibliografia, principalmente em verso, mas se dedicou ainda à prosa, à literatura infantil, à música e ao folclore. De seus livros mais conhecidos, podemos citar: “Espectros” (sua primeira obra, editada em 1919), “Viagem”, “Vaga Música”, “Mar Absoluto”, “Cancioneiro da Inconfidência”. Ela mesma organizou uma “Antologia Poética” de sua obra, lançada em 1963, pela Editora do Autor.

Outra grata lembrança é Maria de Lourdes Teixeira, primeira mulher a ingressar na Academia Paulista de Letras, nos sessenta anos que antecederam sua posse, em 1970, na Cadeira nº. 12. Ro-

mancista e contista, nasceu em São Pedro-SP, em 25 de março de 1907, vindo a falecer em São Paulo, em 12 de outubro de 1989.

Entre suas obras, destacam-se “Raiz Amarga”, “Pátio das Donzelas”, “Rua Augusta” e “Ilha da Salamandra” - romances. “O Criador de Centauros” e “Todas as Horas de um Homem” - contos. Fez um estudo aprofundado sobre Gregório de Mattos e traduziu “Os Mandarins”, de Simone de Beauvoir.

Pouco antes de seu falecimento, lançou “Carruagem Alada”, um livro de memórias onde desfilam personagens reais que marcaram a existência da notável Escritora.

Completando a tríade desses importantes nomes, recordemos a figura de Clarice Lispector. Nasceu na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1925, foi trazida pela família para o Brasil, com poucos meses de idade. Veio a falecer em 9 de dezembro de 1977, na cidade do Rio de Janeiro - RJ.

Clarice também deu aulas e se formou em Direito. Dedicava-se ainda à pintura. Foi atuante na política, ao lutar pelos direitos humanos.

Seu estilo é inconfundível e sua linguagem é solitária como a própria Escritora o foi em sua essência. Sua obra inovadora permanece atual, não só através dos livros, mas transposta para as telas de cinema, encenada nos palcos, discutida nas Universidades e comentada em conversas informais.

Como romancista, deixou extensa bibliografia, da qual destacamos, entre outros, “Perto do Coração Selvagem” (seu primeiro livro, publicado em 1944), “A Maçã no Escuro”, “A Paixão segundo G.H.” e “A Hora da Estrela”.

Em nosso País, geralmente é preciso que os grandes talentos morram para ter seu valor reconhecido, e mesmo assim muitas vezes caem rápido no esquecimento. Cabe a seus companheiros de ofício manter viva a lembrança dos que partiram, mas deixaram sua obra a enriquecer o nosso patrimônio literário.

Se essas três Escritoras chegaram a ganhar nome em seu tempo, esses nomes mais se engrandeceram após a sua partida. Cecília Meireles, Maria de Lourdes Teixeira e Clarice Lispector foram fundo na alma humana com sua obra. Marcaram indelevelmente suas posições no fecundo cenário da literatura nacional.

Amaryllis Schloenbach é poeta, escritora, cronista, tradutora, jornalista e advogada. Foi uma das fundadoras da Seção Municipal de São Paulo da União Brasileira de Trovadores.



Conheci Rosani apresentada por um grande amigo o Pinotor Arcangelo Ianelli, que infelizmente já se foi.

Ele me disse: Rosani é uma maravilhosa jornalista que publica um jornal de ótima qualidade.

Eu diria: Rosani é uma poeta que nos lembra os grandes poetas chineses em todas as formas de expressão.

Grande jornalista que com poucos recursos consegue publicar um excepcional jornal.

Linguagem Viva.

Parabéns Rosani Abou Adal!

Sonia Sales é escritora, poeta e membro da Academia Carioca de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Poemetos de Manchetes em Versos

Lagostas regadas
de espumante francês
nas mesas dos Três Poderes,
a fome devastando sonhos
nos pratos da periferia.

Cortes de verbas
na Cultura e Educação
alimentam beócios

Cortes de verbas
na Saúde,
hospitais em agonia.



Rosani Abou Adal é jornalista, editora, escritora, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00

Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0

- agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante e endereço para

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Madre Cecília, 1770 - Piracicaba - SP - 13400-490

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

LEDA E O CISNE

Raquel Naveira

Leda é uma personagem da mitologia grega. Uma bela princesa que se casou com o rei de Esparta, Tíndaro. Depois da noite de núpcias, ela se atirou num lago. Sua pele de seda logo chamou a atenção de Júpiter, o insaciável e poderoso deus olímpico. Sabendo que a recém-casada, fiel ao esposo, jamais aceitaria amá-lo, ele se transformou num cisne sedutor. Deslizou sobre a superfície lisa, ave branca, uraniana, masculina. A cabeça e o bico moveram-se com arrogância, determinação, audácia. Avançou veloz em direção a ela. Havia nele uma luz, a força de um poeta, de um bardo nórdico cantando juras de amor. Era o próprio Desejo feito asa e pluma. Quando Leda percebeu, ele já estava encostado, peito contra peito. Ela se ofereceu, tomada de susto e emoção. Pássaro e concha se fundiram, numa profusão de espuma. Algum tempo se passou e Leda, mulher/cisne, pôs dois ovos brilhantes, envoltos em sangue. Em cada ovo um imortal, filho do divino e um humano, filho da Terra. Pólux e Helena, os filhos de Júpiter. Castor e Clitemnestra, filhos de Tíndaro. Das cascas quebradas, eles espiavam o miserável planeta, em silêncio. Quantos artistas pintaram essa cena sensual! Leonardo da Vinci (1452-1519), Boucher (1703-1770), Corregio (1489-1534) e até Salvador Dali (1904-1989) com sua impressionante e surreal "Leda Atômica".

William Butler Yeats (1865-1939), o poeta, dramaturgo e místico irlandês, prêmio Nobel de Literatura, escreveu um célebre poema intitulado "Leda e o Cisne", que possui inúmeras traduções para o português. Nele descreve a fúria do cisne diante da moça indefesa. Um golpe, um baque, as asas adejando sobre a presa vacilante, acariciando as suas ancas, o bico puxando os cabelos trançados, segurando-a em seu seio de glória emplumada. Súbito, ele a penetra num rompante brutal. Deixa a jovem caída, abandonada e lânguida. Muitos comentaram que se tratava também de um poema político. Leda subjugada por um imenso cisne representava a Irlanda dominada pela Inglaterra. O país independente não rompe facilmente os laços coloniais com o predador. As marcas, a fusão de cor-

pos e culturas, são profundas. O ato do estupro acarreta consequências por gerações.

No comentado filme "A Filha Perdida", drama psicológico e introspectivo, inspirado no livro da misteriosa escritora Ellen Ferrante, a protagonista, Leda, uma professora universitária, estuda o mito e o poema de Yeats. Leda, magistralmente interpretada por Olívia Colman na maturidade e por Jessy Buckley quando jovem, está passando as férias sozinha no litoral italiano. Ali ela conhece uma mãe com sua pequena filha. Esse encontro desencadeia memórias dolorosas em Leda que, após se separar do marido, deixou as duas filhas com ele e partiu. Estava apaixonada por um catedrático que a fascinara pela inteligência e conhecimento. Um cisne, um druida vestido de branco, que a arrebatara falando sobre Yeats. Ela não resistiu, sucumbiu, Leda que era. Com o marido e as filhas eram o sufoco, o cansaço físico, as pesadas responsabilidades domésticas. Com o amante/cisne estavam a liberdade, a fuga da gaiola, a essência de musa, a felicidade de ser quem se é, a aventura num mundo que julgava maravilhoso (como se o mundo tivesse algo de bom).

O filme incomoda, constrange. Leda é antipática, angustiada, demasiado falha. A maternidade é posta em xeque: os filhos podem representar demandas intermináveis, obstáculos para uma mãe exausta, com outros interesses intelectuais, artísticos e eróticos.

Imaginamos a dor de seu marido e filhas. A rejeição humilhante, a raiva, o sentimento de abandono e menos-valia, o abismo, os traumas, os transtornos emocionais. Como recuperar a filha perdida? A boneca perdida? A infância roubada?

Como Leda, eu me banhava num lago. Veio um caçador e me surpreendeu. Apoderou-se de meu manto de plumas brancas. Casei-me com ele e dei-lhe filhos em partos com amor. Mas um dia, recuperarei minha roupagem de cisne e voarei ao céu.

Raquel Naveira é escritora, cronista, poeta e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e ao PEN Clube do Brasil.



ALPHARRABIO 30 ANOS, HOJE – FESTA ADIADA

NOVO RETRATO

Dalila Telles Veras

No dia 21 de fevereiro de 1992, era inaugurada a Alpharrabio Livraria Espaço-Cultura, em Santo André, SP. Muito mais que uma livraria de livros raros e usados, nascia com uma proposta cultural e iniciava uma intensa atividade, continuamente voltada ao fomento e difusão do livro, da literatura e da arte e da cultura em geral, prestando relevantes serviços à comunidade.

Desde sempre, uma alternativa ao lazer não massificado que a consolidaria como um verdadeiro centro cultural, proposta já cunhada no convite para a festa memorável de inauguração.

Desde 1993, a chancela Alpharrabio Edições foi cravada em cerca de 200 obras de autores, prioritariamente, residentes no ABC, região metropolitana de São Paulo.

Nestas três décadas de atividades ininterruptas, tornou-se um polo irradiador, fomentador e divulgador da cultura regional, mas que também dialoga com a cultural nacional e internacional, trazendo escritores e artistas da Capital e de outros estados, algumas vezes do exterior, para proferirem palestras, lançamentos de livros nas já tradicionais conversas de livraria. Músicos, atores, artistas visuais, cineastas e detentores de outras expressões artísticas também já passaram com sua arte pela casa da Rua Eduardo Monteiro, 151.

Em 2002, ano em que comemorou 10 anos, inaugurou um site próprio (www.alpharrabio.com.br) onde está registrada sua história e nesse mesmo ano, após alguns meses de reformas e ampliações, reabre suas portas e oferece ao público instalações ampliadas, uma sala de múltiplo uso para realização de atividades artísticas, oferecendo ainda mais conforto a seus frequentadores.

Em 2004, é publicado o livro Alpharrabio 12 anos: uma história em curso (Dalila e Luzia Maninha). São 344 páginas que registram mais de 500 atividades culturais realizadas em suas instalações nos seus primeiros 12 anos. Nele, também são transcritas muitas dessas palestras e debates. Um livro indispensável

no auxílio ao mapeamento e compreensão da história cultural da região do ABC na última década do Século XX, início do XXI. Do índice onomástico, constam mais de 500 nomes que contribuíram com essa história, participando diretamente dessas atividades. Temos material para um segundo volume, ainda mais alentado, registrando as atividades dos últimos 18 anos.

Até de 21 de fevereiro de 2020, essa data sempre foi marcada com muita festa e, sobretudo, com celebrações de camaradagem entre aqueles que fizeram desse espaço a “sua casa”, o “seu lugar”, um lugar de pertencimento e de afetos compartilhados através da arte e do simples convívio. Nesse dia, em pleno sábado de Carnaval, quase uma centena de convidados encheram a casa a comemorar os seus 28 anos. Logo depois, em conformidade com as normas sanitárias, fechávamos as portas, mas a “alma” do lugar, seguiu de forma virtual, mantendo possibilidades mínimas de convívio e trocas, durante estes últimos dois anos de pandemia, sustos, lutos e tristezas.

Em 21 de fevereiro de 2021, marcando os 29 anos, pela primeira vez, sem festa, um criativo cartaz (by Tarso de Melo e Luzia Maninha) ocupou a entrada da livraria, com o lindo verso de Paulinho da Viola: “velho marinheiro / durante o nevoeiro / leve o barco / devagar”. Foi o que fizemos.

Chegamos aos 30 Anos e, pela segunda vez, não haverá festa, ao menos no dia de hoje. Será apenas um adiamento.

Aproveito o ensejo para declarar publicamente e com convicção que, sem o trabalho, a dedicação, o esforço e o entusiasmo de Luzia Maninha, não teríamos chegado até aqui. Ela não me deixa fraquejar, empurra-me e vai na frente.

Alpharrabio é um projeto de vida(s) que sozinha não teria condições de tocar. Além da família, muito mais gente aderiu, desde o início e o caminho foi sendo construído ao andar. Andamos e construímos uma história que hoje é estudada pela UFABC – Universidade Federal do ABC que, inclusive, ano passado, reconheceu a Alpharrabio como uma instituição “de excelência”.

Assim, teimosamente, segui-



mos. Luzia Maninha e Eliane, batem o ponto, fisicamente, de segunda a sexta, às 13h e, aos sábados das 10 às 13h, recebem, com cautela e vagar, aqueles que por lá aparecem.

Enquanto isso, mais velha (20 anos em 2), muito mais cansada e com poucas ilusões, fico aqui no meu bunker, a tentar redescobrir formas de sobrevivência num mundo que parece não ser mais o meu. Num Brasil que normatizou o ódio, a violência e a ignorância, diária e oficialmente incitados por um insano, destituído de qualquer competência cognitiva ou empatia humana. Um treloucado agarrado ao poder e à ignorância que jogou o país num abismo do qual será difícil sair.

Voltemos ao Alpha, ao nosso Alpha. Bem Hajam! Todas e todos que nos acompanharam nesta trajetória e que fizeram com que o Alpharrabio não mais me pertença, transformando-se num bem público, sem que por lei o seja.

Dalila Telles Veras é escritora, poeta, fundadora da Alpharrabio e Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do ABC - UFABC.

Lucinda Persona

Fotografam meu rosto onde o tempo vai passando
Ainda não está muito claro mas
mas
não é o maior
nem o menor
acontecimento dos meus dias
Apenas
um novo retrato
E nele minha alegria prevenida
Talvez porque depois
não sobrevenha outra maior.

In: O passo do instante, Entrelinhas, 2019.

Lucinda Persona é escritora, poeta, professora, bióloga e mestre em Histologia e Embriologia pela UFRJ.

SERPENTINAS

Isabel Furini

Deixe a sua alma dançar entre as flores
pois a beleza
amaina os rigores da vida
sonhos e amores
são serpentinas
que se desenrolam
ao longo dos anos
e depositam nas mãos
profundos oceanos
de lágrimas e de risos.

Isabel Furini é escritora, palestrante, educadora, editora, membro da Academia de Letras do Brasil (PR) e Consulesa da Academia Poética Brasileira.

Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em todo o território nacional.

Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



LÍVIA PAULINI – ARTÍFICE DA PALAVRA E DAS TINTAS

Alice Spíndola

“Nas suas escritas, Lívia Paulini cultiva a história pessoal-universal que é infinitamente atraente e humana”. **Elizabeth Rennó**

Até o final da vida, Lívia Paulini foi uma mulher inimitável. Ela própria se reconhecia assim. Seu falecimento se deu em 29 de novembro de 2021, aos 103 anos.

Em sua literatura, a palavra de grande força libertadora, carregada de tradições, plena de rara expressão de Arte. Poesia de peculiar timbre. De sua marca lírica, a palavra que canta.

Existência deveras singular. O próprio viver, um extraordinário romance. Entre pequenos gestos e sorrisos, esta Mulher venceu tremendos obstáculos. Voz firme e determinação. Silêncio contido. Mesmo sob o ritmo incerto das relações humanas de cada País, por onde transitara, Lívia Paulini se permitiu deixar, ali, em oferenda, palavras e versos florindo enlevos.

De sons e silêncio, esta artista capta da ressonância desse tempo até nossos dias a matéria-prima de seus cantos, as cores de sua arte pictórica. Perscrutando horizontes outros, erigindo um mundo somente seu. Ali, seu pincel entinta, delinea, cinzela, como se escalavrando complexas trajetórias, quando o sensível núcleo buscado seria o Belo, ou a essência deste.

Ante um livro, acabado de editar, de uma tela, ou de um bordado, numa Amostra de Arte, seu coração batia mais forte. Não importando em que terra, seu coração tremesse, Lívia Paulini pressentia que, para emoção tão intensa, inexistiam barreiras.

Desvendando segredos seus, que ela própria ignorava, Lívia se via criando um código particular e único, só seu. Na inteireza deste impulso, intencional vitalidade enriquece sua palavra. Canto, este, pertencendo a uma mesma melodia Universal, um hino em favor da Paz no Mundo.

Ei-la revendo sua existência. Observando um patrimônio artístico especial, advindo de batalhas e de êxitos muitos. Liberta de arraigados mitos e reminiscências, surpreendia a si própria adivinhando porque lutara tanto por liberdade em toda sua vida.

Virá desta luta, a tessitura da palavra que canta, e encanta?

Entre pensamentos e lembranças, Lívia se flagra erguendo-se ileisa dos inúmeros tumultos do destino. As partidas inesperadas, difíceis, de cada continente. Transpondo um tempo transitório, urgia ter consciência de valores outros que não fossem os da hora presente. Tudo, mais que uma questão de sobrevivência, um alerta. Mais que um propósito individual, uma visão revolucionária. Nessa estranha mudança de atitudes, vencer as resistências, desatar o último elo. Porém, como? Quando?

Onze dias atravessando um mar de azul infinito. Partindo da Alemanha para o Brasil, o navio singra sob o arfar de oceano imenso. Para trás, os insultos. Medos e aflições. Os transtornos dos ideais. A guerra.

Não adiantava mais voltar os olhos à busca de enxergar-se na pátria amada, revê-la, tudo se tornara longínquo demais. Dentro de casto sigilo, a perigosa lucidez. Ali, no navio, uma censura mural indica que o relógio e o calendário perderam a utilidade. Ali, no navio, ao fim da viagem, no entanto, mesmo em frangalhos, era-lhe permitido divisar a transparência da palavra, tal um símbolo para o caminho franqueado, gerando a ideia de felicidade.

Ter a mãe e o irmão, por perto, um privilégio. Folheando a metamorfose do destino, os pequenos milagres. A reconquista da calma. E, na inteireza da fé, prestar conta e reconhecimento àquela conexão com a energia de Deus.

O que sobra de positivo das imagens da guerra?

Era preciso ser flexível às forças dos novos rumos. Por via dos tristes reflexos do século, a descoberta da enorme necessidade de PAZ. Fluindo em sério compromisso com a Paz, tal uma exigência do próprio fluir do mundo. Fechava-se um círculo e um ciclo na vida de Lívia Paulini e de sua família. Fiel aos ideais de PAZ, esta memória, um emblema para a busca do BEM. Ela e o esposo, em constante empenho pela PAZ.

Dentro do arco da fraternidade, encontrar Dom João de Orleans e Bragança, no Rio de Janeiro. E, através dos arcos da palavra, ter notícias de seu pai, livre da prisão e vivendo na Áustria. País que se

faz paisagem da esperança.

O que sobra das imagens da guerra? E da palavra justa?

De saudade e de esquecimento a eficaz sobra de desejos vários. O beijo de despedida que não houve. Um canto, apressado, que o próprio canto implorou. Justo aquele canto que – vezes tantas – ficou preso na garganta. De prazer ou de infortúnio, o pranto que a saudade obriga, ainda.

Como não agradecer à Poesia por ter consumido com irritações sem fim? Pressa – tenaz e absurda – de chegar a algum lugar? Por que ter de olhar para frente, se o destino seria lá? Lá longe. Lá por muito detrás do longe, rumo ao Sul, num outro continente, chamado Brasil.

À Arte, em si, à família, o fato de sua presença em terras brasileiras?

Encastelados, em seu íntimo, o vigor, os objetivos futuros, as certezas e a consolação que transcendiam qualquer projeto ou designio que não formassem a ideia de PAZ.

Se houvesse uma possível intenção de ir para os lados da América do Norte, o destino mudou sua rota.

O Brasil, éloga de esperança e refúgio.

Houve sofrimento. Outros, os propósitos. A língua, um entrave. Mas, desde o início, Lívia se descobria, o tempo todo, surpreendida por este Amor intenso. Verdadeiro. Empatia revelada na energia das ações, na pujança das metas, e nas entrelinhas de seu fluxo verbal. Não há como esconder! Seus olhinhos brilham Amor.

Então, como definir Lívia Paulini? Definir essa Mulher que possuía aquele algo indefinível que vem de dentro?

Intellectual extraordinariamente ativa em diferenciados seguimentos da cultura mineira: Foi editora do *Boletim do Rotary Club* de Belo Horizonte – Milionésimo. Presidente Emérita da Academia Feminina Mineira de Letras. Dirigiu o *Jornal PALAVRA*, desta entidade e, anualmente, sua *REVISTA LITERÁRIA*. Integrou os quadros do *Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*. Registrada na *Academia de Ciências e Letras da Hungria*.

Citada em Dicionários Brasileiros, Ingleses, Estadunidenses, Húngaros e Sul-Coreanos.

Lívia formou-se em Pedagogia

e Psicologia pela Escola Superior de Győr, Hungria, 1941. Especializada em Desenho e Pintura e em Línguas, alemã e inglesa, em Budapeste em 1942.

Realizou exposições de pintura – individuais e coletivas – em nosso país e no exterior. No Rio de Janeiro e, depois de 1955, em Belo Horizonte. Quanta atividade!

Aportou, em solo brasileiro, depois da guerra. Viagem que lhe mudou o destino, e trouxe novos impulsos aos seus objetivos. Intrépida, a coragem para deixar a Terra Natal.

Chegar ao Porto na cidade do Rio de Janeiro, justo no domingo de Páscoa, um sinal de felicidade.

Nos primeiros dias, no Brasil, contempla, com espanto, a beleza do chão de sua outra pátria. No fôlego desta admiração, descobre o quanto explodem as imagens dos futuros caminhos. De esperança e metas, o frescor de sua escrita e de seus quadros despertando-a para um amanhã incomum.

Pintora reconhecida. Ensaísta. Tradutora. Articulista. Poetisa que carrega uma cultura plural em sua arte de encantar. Numa dinâmica cultural, seus poemas e textos são editados em outros continentes, enquanto vertia a escrita de diferentes poetas para o inglês e o húngaro.

POUSO – REPOUSO, de sua autoria com o timbre lírico de um cotidiano de profunda intensidade e beleza.

Seu romance O ANCORADOURO – premiado pela União Brasileira de Escritores/Rio de Janeiro – obteve coroado sucesso. Autora conseguindo desenvolver uma concepção original, envolvente, viva. Raro poder de invenção. De seus recursos narrativos, uma engenharia sofisticada, mesclada de rara competência imaginativa e de pesquisa histórica aprofundada, que atrai o leitor e o leva a mergulhar na trama do romance. Lívia faz revelações do surpreendente mundo da guerra que não conhecíamos.

Prosa, entremeada daquela poesia que patenteia os sentimentos da autora. Memória. Escrita feita de rigor e exigência, qualidades que mostram o lado histórico e contemporâneo de seu arcabouço vocabular, e de suas diferentes vozes e vultos. Visível, o problema das minorias étnicas. Instigante, a ro-



mancista, com sua tenacidade e apurado estilo, tornando um drama de guerra, uma obra de Arte. Nos ângulos da palavra, uma significativa inquietude. De um ar de susto, a profundidade e a dor de uma lágrima. E a alquimia que cativa quem trilha por essa escritura.

Lívia Paulini traduziu as próprias obras: Poesia. Ensalos. Reflexões. Análise de livros. Estudos diversos sobre eminentes pensadores e poetas, entre eles: Henriqueta Lisboa; o tcheco Carol Capek; o inesquecido Vivaldi Moreira. De elevada importância, antologias em que realizou a tradução dos poemas e a seleção dos autores.

Assim, as trilógicas:

PÉROLAS DE MINAS, coletânea de poetas mineiros. Antologia em trilingue, 1990.

PÉROLAS DO BRASIL [Brazilia Gyöngyei] – Brasileiros, em antologia trilingue [Português, Inglês e Húngaro]. Belo Horizonte, 1993.

PÉROLAS REVERBERANTES, seleção de poemas vertida para o francês por Elizabeth Rennó, completando a “Trilogia das Pérolas”, destinada para a divulgação da poesia contemporânea brasileira.

COLETÂNEAS DE POEMAS, vertidas para o inglês e para o húngaro e que foram publicadas nos Estados Unidos.

Tradutora, por excelência, transpôs para o húngaro o discurso **PRÊMIO JUAN RULFO**, de autoria da Acadêmica Nélide Piñon. E um livro intado da lavra de Alice Spindola – **VERSEK/Poemas**.

Além de **CIDADÃ HONORÁRIA DE BELO HORIZONTE**, pela Câmara dos Vereadores, por suas ações em prol da cultura mineira, valoradas experiências e obras literárias e pictóricas, Lívia Paulini veio a ser agraciada com insígnias títulos, prêmios, medalhas e outras distinções. Vale ressaltar: a **MEDALHA DA INCONFIDÊNCIA**, pelo Governo de Minas Gerais. **MEDALHA CLARA RAMOS** outorgada pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro. **MELHOR TRADUTORA**, pela Associação dos Escritores Internacionais. **MEDALHA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DO PALÁCIO DA LIBERDADE**, pelo Governo de Minas Gerais. **MEDALHA JOÃO PINHEIRO**, pelo Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Distinguida com a **MEDALHA “PAUL HARRIS”** do Rotary Internacional.

Em diferenciadas paragens, além-mar, por onde passou, seja morando ou em visitas culturais, Lívia Paulini deixou sua marca, traba-

lhando em favor da Educação, seja escrevendo livros; enviando resenhas; dirigindo revistas, jornais ou entidades. Seja em Wartenberg, na Alemanha. Seja na Coréia do Sul. Na América Latina. Em Springfield, nos Estados Unidos. Em Bellagio, na Itália. Ou na Hungria, de seus outroras.

Líderes, Lívia Paulini, quanto Stella Leonardos, amiga e confeitira, se alaram de coragem e de esperanças para enfrentar os desafios do ofício. Espantoso, o entusiasmo de ambas pela literatura brasileira.

Como Cidadãs vivenciaram, com audácia, os reflexos de um século.

Mulher de personalidade ímpar. Lívia Paulini soube ser grata a Deus pela vida, pela família, pelos momentos de ternura. Contou com a alegria de amigos e de vizinhos para reavivar seu cotidiano. Intelectual conseguindo integrar-se em diversificados contextos, e em locais vários onde se cultiva a literatura e a arte do pincel.

Sabe-se, ainda, que esta dama das Letras e das Tintas, fez-se notável, também, como avó e mãe sem par. Anfitriã maravilhosa, e a amiga de todas as horas. Em seu apartamento, em Belo Horizonte, no corredor da escada, do primeiro andar, para o andar de cima, a exposição permanente de suas telas. A mesa, iguarias de indescritível sabor, singular feito.

Um dos prazeres da família: a música. De encanto especial, ouvir, ao violino, o neto Zoltan Paulinyi – violinista e compositor – também, Spalla da Orquestra Filarmônica de Brasília. Sim, o Zoltan e a fagotista Iracema Simon, sua esposa.

Instantes de reflexão, poesia e música. Enlevos e gestos. Troca de olhares entre o Dr. Ernest, o marido, Lívia e Helene, a filha. Ali, todos juntos se embriagando de carinho. Enquanto notas de uma sinfonia esbanjam dádivas, um fio de lendas húngaras acorda um raro estalo de sensibilidade, carícia tecida em seda. Arrebatamento, em que folhas/vida deste universo de bem-estar folheiam a sagração do Amor.

De herdados hábitos húngaros, essa brasileira não parou de nos surpreender a cada passo – com a simpatia à flor da pele – ao nos acolher, como amiga de longa data, quando, aberta a porta de sua residência, abraçava-nos com saúde.



Lívia Paulini

Em suas obras, a permanente lembrança de suas ações, de seu sentimento a cerca deste Brasil que vibrou, multicolorido, em seu coração e em sua Arte. Alegria, sua, contagiando-nos até a alma, nos repleta de emoção, hoje, ainda.

Para Lívia Paulini, os merecidos aplausos por sua poesia e por sua luta em obséquio da cultura húngaro/brasileira.

Alice Spindola é poeta e membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais. Graduada em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Católica de Goiás.

PENUMBRA

Maria de Lourdes Alba

Na penumbra
A noite jaz
Olhos radiantes
Corpos flutuantes

Na penumbra
O amor nasce cedo
Carece a lua
Ternura luzente

A penumbra
Os fluidos sobem
Penumbra
Nas noites claras escuras
Raios luzentes em olhos
Cadentes pudentes
Sorridentes em ternura
Na penumbra

Maria de Lourdes Alba é poeta, escritora, jornalista e pós-graduada em Jornalismo.

ESBOÇO

Beatriz H. Ramos Amaral

nos primeiros dias
esbocei surpresas
no quadrante

como forma de
parecer cansada
aceitei pendurar-me
no fio de uma vontade
partida

o peso da guerra nos pulsos
abrindo segredos cálidos
e o nó retendo o fogo
luz imperativa na arena

sim – cansada como quem
contorna o mundo
e dele conserva o alarme

Beatriz H. Ramos Amaral é escritora, poeta, contista e Mestre em Literatura e Crítica Literária - PUC-SP.

QUERENÇA

Débora Novaes de Castro

A menina,
que olhava estrelas,
queria ter asas, voar aos céus
para conhecê-las.

Querida ainda
ser bailarina,
como a que vira a rodopiar
na vitrina natalina.

Na querença
dos sonhos
ficaram as sapatilhas
de bailado da menina.

Insolventes,
coruscantes,
entre forquilhas e trilhas,
Estrelas e Poesia!

Débora Novaes de Castro é escritora, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica - Intersemiose na Literatura e nas Artes, PUC-SP. www.deboranovaesdecastro.com.br



Deserto em mim

Andreia Donadon Leal

É primavera
e eu tento catar flores:
ao vento
nas areias do deserto
nas profundezas dos esgotos,
para acalantar minha alma
despetalada
e iluminar olhos sem vida.
É primavera
e eu caço numa estirada
flores nos quatro cantos de minas,
nas cidades de minas
nas campinas de minas
nos montes de minas
nos muros de minas,
nas aberturas das pedras
e das rochas de minas.
Outras estações se despedem
e eu ainda continuo
procurando flores...

Andreia Donadon Leal é artista plástica, pós-graduada em Artes Visuais, Cultura & Criação e Mestre em Literatura e Cultura na Universidade Federal de Viçosa.

PROFISSÃO: MULHER

Ivana Maria França de Negri

Ser fêmea, da cabeça aos pés
Sujeita aos ciclos hormonais
Às fases da lua
Às oscilações das marés

Às vezes nos sentimos plenas
Outras, carentes
Alternamos bom-humor
Com períodos de amargor

A vida se apresenta em purpurinas?
Sentimo-nos leves como bailarinas!
Mas se nos foge a razão,
Falta-nos sob os pés o chão

Mergulhamos em zonas abissais
Nos momentos de dor e tristeza
Mas se a hora é de alegria
Aflora em nós genuína beleza

Destemidas, corajosas
Vamos à luta, sem medo da lida
Musas, amantes, mães amorosas
Eternas guardiãs do amor e da vida.

Ivana Maria França de Negri é membro da Academia Piracicabana de Letras, do Centro Literário de Piracicaba, Grupo Oficina Literária de Piracicaba e Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

LAMENTO

Sonia Sales

Nosso Brasil está chorando,
lagrimas
sem consolo ou perdão.
Coração sangrando
esborouou-se
na lama, no vírus,
na morte dos inocentes.
Sol, para que?
Só chuva,
coberta pelo desespero do nosso povo.
Agonizantes pais, não conseguiram
a despedida final.
Deus, não é mais brasileiro,
voltou-se para filhos menos cruéis.

Sonia Sales é escritora, poeta e membro da Academia Carioca de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

SOBRE O TEMPO

Noélia Ribeiro

Não quero mais que o tempo corra
nem que o sábado aconteça.
Quero desfiar cada momento,
desafiando a vida de domingo a domingo;
assistir à passagem das horas
sem pressa e alijar-me de todo medo,
para enfim desfrutar o sentimento
de que, com o passar dos dias,
vivi uma eternidade,
envelheci quase nada
e morri apenas por um segundo.

Noélia Ribeiro é escritora e poeta. Graduada em Letras na UnB, com pós-graduação em Linguística, no UniCeub. nmariarsilva@hotmail.com

Poema- bonsai

Olívia Ikeda

Como ser feliz nesses
tempos medonhos
temendo a guerra que
acaso vier?
Um a um, despetalei
meus sonhos
que sempre
terminaram
em malmequer.

Olívia Ikeda é escritora e advogada. Poeta homenageada do 33º Festival de Arte Contemporânea Psiu Poético.

Meta

Flora Figueiredo

Dispensio o emaranhado de tristeza.
Jogo a saudade sobre a mesa,
grudo os desapontos no teto.
Passo reto, abro alas.

Arrombo portas, devasso salas,
empurro mágoas pendentes no corredor.
Recolho um favor que, desprezado,
jaz no canto, roto e desbotado,
encosto de lado um desafeto.
Abro alas, passo reto.

Banho-me lá fora
com a gota de lua caída da aurora
e lavo minha história.
Quando enxuta,
divisam-se glórias impolutas
e brilhos de forças e conquistas.
Descubro-me mulher, guerreira, artista,
bato palma.
Abro meus braços, lavo a alma,
percebo logo ali um sol nascente.
Meu passo é reto,
abro alas, sigo em frente.

Flora Figueiredo é escritora, cronista, poeta, jornalista, tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento e Florescência*.

OFERTÓRIO

Betty Vidigal

Pela rosa debruçada,
Ternuras silenciosas.

Pela palavra não dita,
Duas coroas de flores
No tempo desperdiçado.
Pela ideia consumida,
Tão insegura de tudo,
A branca e a solidão.

Por tuas serenas mãos,
Muito mais que minha vida.

Betty Vidigal é escritora, poeta, contista e jornalista

Eu vou diante da vida,
enfrentando o que vier,
pois nada mais me intimida,
porque sou forte - e mulher!

MARIA THEREZA CAVALHEIRO (1929 - 2018), poeta, jornalista e advogada, foi co-fundadora e a primeira presidente da União Brasileira de Trovadores, seção São Paulo.



Olhos sobre tela

Yara Camillo

Pequeno quadro de um mundo onde... Não mais se pisa distraidamente a pequena flor nascida nas gretas do asfalto. A pressa foi abolida. A flor pode ser vista, apreciada. É normal ver alguém abrindo espaço em torno dela, quebrando o asfalto, dando-lhe terra, proteção. O relógio não é mais senhor do nosso tempo, mas antiguidade a ilustrar histórias para nossos netos. A surpresa de encontrar um amigo sobrevivente é felicidade das mais sonhadas. Assim é o nosso hoje, o hoje do meu neto, que se move tão naturalmente neste mundo novo. E quando lhe conto dos dias de an-

tes, de pandemia e pré-pandemia, ele me diz:

“Como vocês conseguiam viver num mundo que tratava a Vida como se não fosse ela o bem maior?”

Respondo: “Não conseguíamos, não conseguimos, querido.”

Mas ainda estamos aqui. Ainda somos nós.

Sigamos adiante, com um olho na trilha e outro na Utopia, sendo a Arte nossa Estrela e o Afeto, o Trabalho, a Resistência nossos Guias.

Yara Camillo é escritora, revisora, tradutora e graduada em Comunicações e Cinema.

O Bruxo do Cosme Velho (em homenagem a Machado de Assis)

Márcia Rosa

Incólume a imagem que o eterniza - Joaquim Maria Machado de Assis...

O mais rico artífice das palavras!

Machadinhos ou machadianos nós traçamos estes versos singelos e melhor dilapidamos sua estirpe, ó patrono imortal da Academia Brasileira de Letras!

Em motes e trotes, Machado, escrivão e jornalista, você soube pincelar o pitoresco retrato fiel da sociedade romântica em obras memoráveis...

Com seu mel e seu fel, a mulher se tornou beleza e empatia... e o amor?! Traição, penitência, reconciliação...

Quem é você, menestrel das Letras?

Fitamos ao longe a herança que se perpetua, bruxo do Cosme Velho!

Em suas paródias renasce das cinzas o amor de perdição, papéis avulsos, histórias da meia-noite... A morte, tema e redenção, após, ressurreição!

Se em suas linhas a poesia e o romance forem revelação, ó patrono imortal, recordamo-nos de seu legado em tempos pós-modernos!

Márcia Rosa é escritora, poeta e jornalista. Formada em Comunicação Social na PUC e em Letras - Português na Universidade de São Paulo.

Havia sorrisos de caras lavandas, havia purezas que o tempo deixou. Havia fragrâncias de águas de rosas e liberdade para falar de amor. Havia um rosário de contas douradas e histórias de águas passadas. Havia uma fonte que lavava as mágoas.

Maria Lúcia López é poeta e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão.

Tudo Igual
No povoado
o sino tocava
e todos ouviam.
Na terra de ninguém
o sino silenciou
Os cães
ladram soltos
e tudo
fica igual.

Djanira Pio é romancista, contista e membro da Academia Santarritense de Letras.

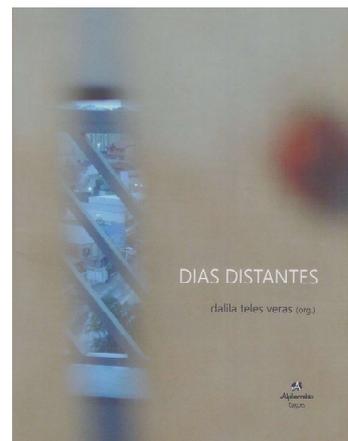
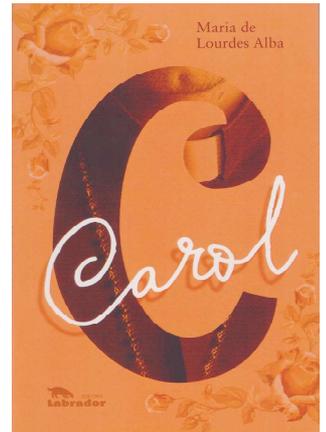
Livros

Carol, romance de Maria de Lourdes Alba, 64 páginas, São Paulo. ISBN: 978-65-5625-210-0.

A autora é poeta, escritora, jornalista e pós-graduada em Jornalismo.

Carol é uma adolescente que vive com seus pais numa cidade pacata. Enquanto eles esperam que a jovem trabalhe e arrume um bom marido, Carol ainda é ingênua, sonhadora e não se conforma com a mesmice da vida local. Ao conhecer o novo pároco, ela sente aflorar sentimentos complexos que colocam ambos no centro de um impasse moral.

Editora Labrador: <https://loja.editoralabrador.com.br/carol>



Dias Distantes, organizado por Dalila Teles Veras, contos e poemas, 64 páginas, Alpharrabio Edições, Santo André (SP).

A imagem da capa é de Luiza Maninha.

A capa é de Isabela A. T. Veras. ISBN: 978-65-87810-07-2.

Participam da coletânea Adélia Nicolete, Andrea Paula, Ayelén Medail, Cecília Camargo, Ciça Lessa, Conceição Bastos, Constança Lucas, Dalila Teles Veras, Deise Assumpção, Diogo Cardoso, Isabel Ferreira, Isabela Veras, Jurema Barreto de Souza, Lenir Viscovini, Luzia Maninha, Márcia Plana, Melissa Suárez, Meireille Lerner, Nathaly Felipe, Paulo Dantas, Rosana Chrispim, Tarso de Melo e Zhô Bertholini.

Alpharrabio: www.alpharrabio.com.br

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. 2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



Adriana Harger e Benilson Toniolo

Adriana Maria Russo Moysés Harger foi empossada, no dia 5 de março, no Plenário da Câmara Municipal de Campos do Jordão, como a nova presidente da Academia de Letras de Campos do Jordão, sucedendo Benilson Toniolo. Adriana é formada em Letras, professora de idiomas, revisora, redatora e tradutora. Autora de *Poesia no Tempo* (poesia), *O Seu Cintra: A História de Joaquim Corréia Cintra e História da Vila Capivari: dos Primórdios aos Anos 1980*, em parceria com o acadêmico Luiz Pereira Moysés. A nova diretoria - para o período 2022-2026 - é composta por Carlos Alberto Machado (vice-presidente), Benilson Toniolo (Secretário), Edmundo Ferreira da Rocha (Tesoureiro), Vera Lucia Villas Boas (Segunda secretária) e Tibério Cabral Cordeiro (Segundo Tesoureiro).

Mary Del Priore, escritora, historiadora e professora da Universidade de São Paulo, foi eleita para a Academia Paulista de Letras para ocupar a cadeira nº 39 que pertenceu ao arquiteto Ruy Ohtake. Com 50 livros publicados, foi laureada com prêmios literários nacionais e internacionais.

Marcos Marcionilo, editor e tradutor, será o curador da 64ª edição do *Prêmio Jabuti* promovido pela Câmara Brasileira do Livro. O Conselho Curador será composto por Bel Santos-Mayer, Camile Mendrot, Luiz Gonzaga Godoi Trigo e Rodrigo Casarin.

Anibal Bragança, escritor, professor, editor e livreiro, faleceu no dia 4 de fevereiro, em Niterói (RJ), aos 77 anos, vítima de infarto. Nasceu em Santa Maria da Feira, em Portugal, em 1944. Exerceu o cargo de diretor da Editora da Universidade Federal Fluminense e de secretário de Cultura. Foi um dos fundadores da Associação Nacional de Livrarias e da Associação das Livrarias e Papelarias do Estado do Rio de Janeiro. Autor de *Impresso no Brasil Dois Séculos de Livros Brasileiros* (Editora Unesp), organizado em parceria com Márcia Abreu, que foi laureado com o Prêmio Jabuti em 2011.

O Projeto Mi Casa, Tu Casa, realizado pela Biblioteca comunitária nos abrigos da Operação Acolhida em Boa Vista (RO), inaugurou mais uma biblioteca e ampliou outra, em parceria com o Jornal JOCA, Hands On Human Rights, ACNUR e Operação Acolhida, com um acervo destinado para pessoas com deficiência e autismo em abrigos de Roraima.

A Menina do Narzinho Arrebitado, de Monteiro Lobato, foi lançada pela Editora Serena, com ilustrações de Sergio Rossi.

A Livraria Leitura, presidida por Marcus Teles, completa 55 anos de fundação e de atividades. É a maior rede de lojas físicas do Brasil, presente em todas as regiões, que tem como objetivo terminar o ano de 2022 com um total de 100 livrarias.

Notícias

A Academia Piracicabana de Letras completa seu cinquentenário no dia 11 de março de 2022. A primeira sessão magna foi realizada em 1972. A entidade foi criada pelo folclorista e escritor João Chirini, com o objetivo de incentivar a leitura e apoiar os jovens na produção literária, seja ela através de crônicas, artigos jornalísticos, livros, poesias, poemas e congêneres. Atualmente possui 40 cadeiras ocupadas por escritores, jornalistas, professores, advogados, dentistas, médicos e poetas. É presidida por Vítor Pires Vencovsky e tem como vice-presidente Camilo Almeida de Negri.

John M. Perkins lançou *O poder da amizade*, pela Editora Mundo Cristão, obra que objetiva compartilhar sua trajetória - de um cristão evangélico - que lutou pela igualdade racial nos EUA.

Claudio Willer, escritor, poeta e ex-presidente da União Brasileira de Escritores, ministra cursos sobre surrealismo, beat, misticismo e poesia, Rimbaud, Piva e Antonin Artaud. cjwiller@uol.com.br.

Solemar Oliveira lançou, pela Editora Novo Século, *Breve segunda vida de uma ideia* que reúne contos de suspense e mistério e apresenta referências aos tradicionais nomes da literatura e aos grandes pensadores da história.

O Painel Permanente de Poesia Juca Silva Neto, localizado na Biblioteca Municipal do Centro Cultural Hermes de Paula, apresenta até o dia 14 de março as obras de Dione Câmara.

O 4º Festival de Arte Contemporânea Beagá Psu Poético, realizado nos dias 17, 18 e 19 de março, tem como tema "Vale a vida" - inspirado em *Os Estatutos do Homem*, do poeta Thiago de Mello (1926 - 2022) a quem o festival é dedicado. O evento, com apresentações presenciais e online, é uma realização dos poetas João Aroldo Pereira, Jorge Afonso Maia Mairink, José Ênio Silva, Míria Gomes de Oliveira e Sidneia Amelia Simões, em parceria com a Prefeitura de Montes Claros (MG), Grupo de Literatura e Teatro Transa Poética de Montes Claros. beagapsupoetico@gmail.com.

Candido Mendes de Almeida, escritor, professor e membro da Academia Brasileira de Letras, faleceu no dia 17 de fevereiro, no Rio de Janeiro, vítima de embolia pulmonar. Nasceu no Rio de Janeiro em 3 de junho de 1928. Foi professor, educador, advogado, sociólogo, cientista político, ensaísta e reitor da Universidade Candido Mendes. Autor de *Nacionalismo e Desenvolvimento*, *Subcultura e mudança: por que me envergonho do meu país*, entre outras obras.

Essência Poética reúne poesias, gravuras e biografias. A obra destaca a trajetória artística do artista-plástico Chico Silva e do escritor Eduardo Waack. A análise crítica é da escritora Djanira Pio e do galerista e marchand Cloves Reis.

Evaldo Balbino lançou o livro de crônicas *Geografia entre brumas* nas versões digital (e-book) e física (impresso). As edições do novo livro são um trabalho da Led (Editora-Laboratório do Curso de Letras: Tecnologias de Edição do CEFET-MG), que saem em parceria com a ALSJdR (Academia de Letras de São João del-Rei). A obra abriga ilustrações de Elmar do Carmo que desenvolveu os desenhos em nanquim a partir de suas percepções ao ler os textos. evaldo_balbino@yahoo.com.br

Carlos Moura, jornalista, editor do jornal *Centro em Foco* e coordenador do Sarau do Jornal, lançou o livro *Pandêmico, mas feliz!* que reúne 25 poemas, com 12 deles ilustrados por aquarelas de autoria do artista plástico João Carlos. mouraesilva1@gmail.com

Joana Freitas, arqueóloga, lançou *Hasankeyf: onde a história pode ser esquecida*, pela Editora MF Press Global, em formato e-book, com venda pela Amazon. A autora mostra o que se passa em Hasankeyf, cidade histórica da Turquia, que será inundada e deixará de existir. A autora afirma que será uma perda irreparável, insubstituível de um lugar com milhares de anos de história e de histórias. <https://www.amazon.es/Hasankeyf-Unde-hist%C3%B3ria-esquecida-Portuguese-e-book/dp/B084HNWGGW/>

